

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "MARIA EMÍLIA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): REDOL, ALVES

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 3/2/1975

Data de Emissão: 12/2/1975-

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
EUNICE MUÑOZ	MARIA EMÍLIA
ARTUR SEMEDO	LUA NOVA
ALRINO DOS SANTOS	FANTUMA
RUI LUÍS	CHICO GUINÉ
BENJAMIN FALLÃO	HOMEIN

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

16/2/75 (V.S.F.F.) ⇒

Notas:

- DIRECTOR ARTÍSTICO - JACINTO RAMOS

Indexação: - TEATRO RADIODRÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º <u>100</u>	PROGRAMA <u>1.º</u>
DATA DE ENTRADA <u>3 FEV 1975</u>	EMISSÃO DE <u>17/2/75</u>
PEDIDO DE GRavação	<u>12-30</u> HORAS
A GRavar em <u>12/2/75</u>	VISTO
HORA <u>10 00</u>	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

MINI-TEATRO

MARIA EMÍLIA
=====

por ALVES REDOL

Personagens

MARIA EMÍLIA -
LUA NOVA -
FANTINA -
CHICO GUINÉ -
UM HOMEM -

Recanto em ângulo na rua de um cais do Tejo. Casas velhas, desbotadas de cor, com festões de roupa a enxugar. Um candeeiro de iluminação. Durante o acto passa gente da Borda de Água, ouvindo-se um brado ou outro e ruídos de adriças. Quando a cortina abre, Maria Emília, sentada no degrau de uma porta, cose um trapo qualquer. Restos de beleza num rosto cansado. Chinelas nos pés, xaile traçado no peito, lenço caído para os ombros e avental de chita com manchas de remendos.

MARIA EMÍLIA (cantando baixo).

Ó meu amor, meu amor,
Grande ausência me fizeste...

VOZ FORA (a distância): Eh Fantuna! colhe-me essa vela, homem! Vê lá a muralha!...

OUTRA VOZ: Lá vai! (Ruído de adriça)

MARIA EMÍLIA (que levantara os olhos quando a primeira voz se ouviu): Já tardava a "Flor do Tejo" (No seu sorriso passa uma sombra e volta à costura:)

... No caminho cresceu erva
Enquanto foste e vieste.

VOZ FORA: Boa tarde, aí! (Silêncio) Eh Maria Emília!

MARIA EMÍLIA (acenando o trapo que tem entre as mãos): Boa viagem, Lua Nova? Contigo há sempre calma. Os temporais conhecem-te.

VOZ FORA: Pois, sim. Ali no ^Morçã^o das Garças apanhei um vento de travessia que me vi parvo. (Um cão ^lad^{ra}) Tejo, quieto! Mas cá arribei.

MARIA EMÍLIA: Tu arribas sempre. Nasceram-te as mãos no leme...
 (Depois de um silêncio:) A tua mulher mandou por aí há pedaço:
 Falou com o Vítor da taberna.

VOZ FORA: Mais alguma novidade com o rapaz?

MARIA EMÍLIA: Acho que não. Nem lhe vi uma lágrima.

VOZ FORA: Então, não está pior, com certeza.

MARIA EMÍLIA: Ainda é daquela noite da cheia?

VOZ FORA (que não responde logo): Disseste alguma coisa?

MARIA EMÍLIA: Se é do tombo que apanhou no Mar da Falha?

VOZ FORA: Pois!... Fica-lhe para o resto da vida. (A voz aproxima-se:) Mete-me a cesta na proa e deixa ficar o "Tejo" a bordo.
 Depois, ala!

OUTRA VOZ (distante): E ordens para amanhã, ti Lua Nova?

LUA NOVA (é um velho barqueiro com camisa de castorina aos quadradinhos sob gabão preto): Saímos de madrugada para o Conchoso. Não te percas aí pelas tabernas. Conta nessa baldação, ouviste?

MARIA EMÍLIA: É como se estivesses a pedir às marés para não correrem. Já te esqueceste...

LUA NOVA: Nunca fui assim, tu sabes bem. Estes diabos novos quando lhe cheira a cais... Não fazem mais nada de jeito. Nem sabem das mãos...

MARIA EMÍLIA: E o que fazias tu?

LUA NOVA : Nunca faltei às minhas obrigações. Primeiro o barco, foi sempre assim: depois, então, o resto. As mulheres... o vinho...

MARIA EMÍLIA: Andavas sempre de conta adiantada.

LUA NOVA: Mas nunca nenhum barco encalhou na minha mão, fica sabendo. Nem na areia tocavam... (Enrola um cigarro, encostando-se à ombreira da porta.)

MARIA EMÍLIA: Era como se o vinho te abrisse mais os olhos. Não há outro por aí, lá isso é verdade. (Pausa.) Como aprendeste tu os caminhos do Tejo?...

LUA NOVA: Sei lá, mulher. Noites ^{perdidas} perdidas, muito olho... e um sentido qualquer que nem posso explicar. Não te sucede, às vezes, pressentires o perigo. (Ela acena a cabeça.) É como eu com o barco. Quando há um cabeço de areia ou se aproxima um temporal, sinto um formigueiro na pele.

MARIA EMÍLIA: Adivinhas?...

LUA NOVA: É uma espécie. Não adivinho mais nada também. (Como se falasse só:) O barco parece que faz parte do meu corpo. E faz! Quando o patrão Balecas vendeu a "GAIVOTA", chorei que nem uma ^{criança} criança. Era como se me tivessem arrancando a alma. Se me morresse alguém de família, não me cansava tanto o peito. (Pausa; depois num murmúrio:) Tu foste lá algumas vezes... ainda te lembras?

MARIA EMÍLIA: Não fales nisso.

LUA NOVA: Custa-te, Maria Emília? (Ela acena-lhe a cabeça, ficando em silêncio pesado entre os dois. Ruídos do cais. Uma voz de homem canta ao longe. Ele acende o cigarro.)

LUA NOVA: Todo o mal da tua vida fui eu que to dei.

MARIA EMÍLIA: Não digas isso. Custa-me ouvir-te.

LUA NOVA: Porquê?

MARIA EMÍLIA: Lembra-me a rapariga que ^{já} bá fui.

LUA NOVA: Se ainda me pudesses perdoar...

MARIA EMÍLIA: Satisfizeste o meu sonho... E foi bom!

Recordas-te
LUA NOVA: Recordeas-te da "Gaivota"?

MARIA EMÍLIA: Melhor do que tu. É ainda bem que desapareceu daqui.

LUA NOVA: Só lhe mudaram o nome. Corja! Se havia outro nome ^{melhor} melhor para um barco tão ligeiro que só tocava o capelo do mar,

MARIA EMÍLIA: Não fales nisso agora. A "Gaivota" já morreu. Muitas coisas morreram...

LUA NOVA: Nunca julguei...

MARIA EMÍLIA: Ainda hoje era capaz de mandar fazer um barco igual da proa à ré. Eu nunca entrara noutro barco com qualquer homem. Tu já lá tinhas levado muitas raparigas. Sabes quantas?

LUA NOVA: Se me puser a pensar...

MARIA EMÍLIA: Eu nem preciso recordar-me porque trago a "GAIVOTA" sempre comigo. (Pausa) Como se fizesse parte do meu sangue. (Cerrando os olhos:) Era um barco de vela vermelha com um mastro esguio e fino... Assim como tu ^{eras} eras nesse tempo. Pintado de azul, branco, vermelho e amarelo. Estou a vê-lo passar aqui defronte

com a proa tão airosa...

LUA NOVA: Que eu dizia ter ^o ~~x~~ calafate sonhado o teu peito para ^o imitar na madeira. Lembras-te?

MARIA EMÍLIA: Lembro-me. (Põem os olhos um no outro.) Eu era, então, uma bonita moça. Não me fica ~~mal~~ dizê-lo, pois não?

LUA NOVA: Eras a flor do Tejo.

MARIA EMÍLIA: Foi por isso que deste esse nome ao barco novo?

LUA NOVA: Talvez!... (Silêncio) Tinhas uns olhos negros, tão fun dos, que nem as moltes no rio são mais bonitas. Misteriosos...

MARIA EMÍLIA: Chamam-te poeta.

LUA NOVA: Deveriam chamar-me outro nome. Lua Nova é alcunha que não me fica bem. Tu que o digas. Para ti fui uma noite negra - todo o mal da tua vida. Querias ter um filho, ~~..~~ disseste-mo um dia. E nunca o tiveste.

MARIA EMÍLIA: Não o mereci, com certeza. ^{pensaste} ~~Pensaaste~~ alguma vez em dar-me um filho?

LUA NOVA: Não, Maria Emília. E talvez me ^{tivesse enganado. Quando me} ~~conheceste~~, eu era um homem diferente. Vadio como todos os homens do mar, É o mar que nos ensina essa vida de vagabundos que levamos. E ficamos como ele: sem alma.

MARIA EMÍLIA: Mas o mar tem ~~tem~~ alma, Lua Nova. Não a sentes no costado do teu barco e nas muralhas dos cais? O mar fala...

LUA NOVA: Fala, mas engana. Conheço-o ~~melhor~~ do que tu. O mar é ~~como~~ ^{como} os homens. Promete, jura, e um dia...

MARIA EMÍLIA: Um dia é a tragédia.

LUA NOVA: Como eu fui para ti. (Pausa). Querias uma casa ^{tua...} ~~tua...~~ e até perceste a dos teus pais. (Olha para cima.) Era ali, naquele lajanela, que eu te via quando chegava ao porto. E se não estavas lá, que cuidados eu tinha!...

MARIA EMÍLIA: Não fales nisso.

LUA NOVA: Esquece que tudo se passou entre os dois e deixa-me falar. Hoje vinha triste no barco quando saí do Cais da Areia. Depois percebi que eras tu a minha pena. Lembra-me muito de ti, sabes?...

MARIA EMÍLIA: Obrigado.

Lua Nova: Talvez fosse melhor não me lembrar... Já nada remedeio. Mas as rugas e os cabelos brancos obrigam-me a penitenciar todo o mal que fiz. E tu és a minha maior culpa. És a acusação sempre viva que me espera no cais. Quando olho para a janela, entristeço. E vejo-te. Vejo-te, e amargas-me como um pedaço de fel.

MARIA EMÍLIA: E o outro Lua Nova que já morreu é ainda o meu sonho. Tudo quanto sofri e sofro, é a paga desse bem que ele me ~~deu~~ ^{deu}. Todas as coisas têm o seu preço.

LUA NOVA: Devias odiar-me, Maria Emília.

MARIA EMÍLIA: Não; isso nunca. (Pausa.) Quando abri os olhos para a vida foi naquela janela. O rio... os barcos... a lezíria da outra banda ... o monte com os três moinhos... Não achas que ~~faz~~ ^{faz} falta o moinho do meio? (Ele acena a cabeça e volve o olhar para fora.) Era dali, daquela janela, que me debruçava para o mundo. E que maravilha!... A luz e as cores entonteciam-me. (Põe a costura de lado.) Nem distinguia os homens. Depois...

LUA NOVA (como num eco): Depois...

MARIA EMILIA: Cresci e vocês começaram a reparar em mim, seguindo-me com olhar, dizendo-me gracejos... Maria Emília que bonita vais hoje! Quem te pôs essas maçãs no peito? Quem te levar, Maria Emília! Ainda não os sabia notar, mas as palavras entonteciam-me. Corava e fugia. Atraíam-me e tinha-lhes medo.

LUA NOVA: O destino das mulheres.

MARIA EMILIA (como não reparando na interrupção): Minha mãe disse-me um dia que me afastasse de vocês. E desde essa hora - sei lá bem porque? - o mistério do desconhecimento, a atracção do perigo, qualquer coisa...

LUA NOVA: Era a vida que nascia dentro de ti.

MARIA EMILIA: tornei-me garrida, respondi-lhes aos gracejos, enfeitei-me para vocês. Quantas palavras de amor me disseram! Algumas até por cartas. E eu que não sabia ler, adivinhava tudo o que diziam. Era um prazer que não sou capaz de exprimir. Passava horas ao espelho e ia pôr-me depois à janela, deixando a lida da casa. Cá debaixo, dos barcos, vocês levantavam os olhos...

LUA NOVA: Era como se o Sol nascesse no cais e nos chamasse. Eu fui de todos o que mais tarde reparou em ti. Ainda não era poeta.

MARIA EMILIA: E foi isso, talvez, que me fez desejar-te como a nenhum outro. Todos me acarinhavam com o olhar e só na "Gaivota" o arrais continuava na lida, como se eu não tivesse aparecido. E zangavas-te com o camarada ainda por cima. Recordas-te?...

LUA NOVA: Se me lembro! Já lá está na terra da verdade. Era um baboso por ti, o Manel. Atrapalhava-se, perdia a cabeça de todo, não sabia o lugar da proa nem da popa... Até as adriças lhe fugiam da mão. Andava de um lado para outro, sem destino. Um dia, numa manobra de atracção, atirou-me com o barco de encontro ao cais.

MARIA EMILIA: Pior do que te matar.

LUA NOVA: Só porque tu não estavas à janela! Foi a maior desfeita que tive na minha vida de barqueiro. Corri-o de bordo como a um cão. Velei pedir desculpa, a chorar, e a minha raiva

era tanta que não lhe perdoei. O Manuel!... Bom camarada!...

MARIA EMÍLIA (levanta-se): Sempre foste um valdoso pelos teus barcos! (Silêncio.) Pois foi essa tua indiferença que me trans tornou. Todos os homens até ^{ali} ~~ali~~ me pareciam iguais. Não os sabia distinguir, acredita. Depois ficaste tu. Tu só! Todos os outros não eram mais do que pretextos para me lembrar de ti. Tão esguio que tu eras! E bonito! Assim arruçado, de bigode ~~loiro~~, sempre a baloiçares os ombros como um barco...

FANTUNA: Tudo pronto, ti Lua Nova. Se precisar dalguma coisa...

LUA NOVA: Em casa da Deolinda, já sei. Perdido e achado...

MARIA EMÍLIA: Onde se cria o peixe senão na água?

FANTUNA: É desejos de quinze dias, Maria Emília. Aí o ti Lua Nova lá porque as mulheres já não lhe dão ganas, esquece-se dos outros.

LUA NOVA: O que sabes tu?

FANTUNA: Que noutros tempos não fazia carreiras de tantos dias e até perdia ensejos pra cá chegar. Nem que andasse um dia inteiro aos remos: Agora...

MARIA EMÍLIA: Tu que o atures. E é sempre custoso ouvir os que se dizem bons conselheiros. Principalmente quando se têm uma Deolinda à espera.

LUA NOVA: Não o ajudes que não é preciso. O que sabe um fraldiqueiro destes dos meus tempos?

FANTUNA: Ficou-lhe a fama...

LUA NOVA: Sem proveito. Passa lá por casa para a patroa saber que já chegámos. Diz-lhe que não me demoro.

FANTUNA: Se não encontrar a Deolinda pelo caminho...

MARIA EMÍLIA: Lá perdes o rumo.

FANTUNA: Quantos rumos perderam vocês? Até logo.

LUA NOVA: Adeus.

MARIA EMÍLIA: Boa viagem e boa atracação, hã!

FANTUNA: Obrigado. (Sai.)

LUA NOVA (seguindo-o com o olhar): Aí não te enganas tu. É muralha de boa sombra.

(Silêncio)

LUA NOVA: E depois, Maria Emília? Estava a gostar de te ouvir.

MARIA EMÍLIA: Depois... Achas que vale a pena? (Ele acena-lhe a cabeça.) Uma tarde, de cima da muralha, meti-me contigo. Perguntei-te se me querias para camarada. Respondeste-me de mau modo, brusco...

LUA NOVA: Bruto...

MARIA EMÍLIA: Até isso me levou a continuar. Falava de ti a toda a hora. A minha mãe lembrou-me um dia que já eras casado. O que tinha isso? Eu não percebia esse abismo que afugentava outras mulheres. Gostava de ti; isso me bastava. O que era o casamento? Soube-o depois. Todas as lições da vida se pagam. E bem.

LUA NOVA: Foi pelo meu filho.

MARIA EMÍLIA: Mas eu nunca pensei em tirar-te à Iria. Nunca! Nem o queria, se tu me falasses. É capaz de te parecer estranho; podes julgar que tudo o que depois me sucedeu, já era a desgraça a puxar-me. Mas não... Eu era uma rapariga pura, que começou por te admirar, depois por te querer e, por fim...

LUA NOVA: Diz tudo.

MARIA EMÍLIA: Adorava-te. Nunca me dizias uma graça como os outros. E porquê?!...

LUA NOVA: Talvez porque tivesse receio. Seria aquele pressentimento do sangue de que há pouco falei. Tinha medo de ti; ou de mim...

MARIA EMÍLIA: Quando me punha à janela era só para te ver. Se a "Gaivota" saía, metia-me lá para dentro, e só à noite ali vinha. A noite passou a ter para mim um outro encanto. Aquele silêncio... E naquelas horas estava contigo, correndo o rio com o pensamento, à tua procura. Chorei muitas vezes, ali, ao para-peito, deixando o rosto descoberto, com a nuca encostada... E a brisa vinha e trazia-me as tuas carícias e os teus beijos. Tu nunca me soubeste beijar assim! Eram os olhos, a boca, os cabelos. Horas que ainda hoje me acariciam. (Silêncio) Depois houve aquele temporal. O caos encheu-se de povo, choros, correrias, anseios. Que barcos faltam? perguntou alguém. E eu lá de cima, desejando ir para o meio daquela multidão, mas tolhida de angústia, sem poder dar um passo. Falta a "Nossa Senhora do Pranto", a "Esperança", a "Gaivota"... A "Gaivota" eras tu. Tu e a minha vida. Fiquei ali toda a noite. A multidão desfez-se pouco a pouco. Chegavam barcos e só tu não vinhas. Todo o outro dia até à noite e a "Gaivota" não chegava. Corri o rio com o pensamento, abri mais os olhos para vencer as distâncias e tu nunca chegavas.

LUA NOVA: Se tenho morrido nessa noite... Ficavas viúva duma ilusão e talvez nunca tivesses andado os caminhos que por mim correste.

MARIA EMÍLIA: É possível! Mas não trocava... Na noite seguinte arribaste de mastro quebrado e sem vela.

LUA NOVA: Que noite! E o maior temporal viria depois na bonança.

MARIA EMÍLIA: Quando ouvi a tua voz na muralha, esqueci-me de tudo. Fiquei vazia de conselhos e de cautelas. Se a minha mãe estivesse de pé e me quizesse conter, tê-la-ia afastado. Nasceu de novo naquele momento e não podia, portanto, entender palavras que nunca ouvira. Como as crianças que não percebem o perigo. Desci as escadas a correr, embrulhada num xale e esperei aqui, a esta porta, que o teu camarada partisse. Depois...

LUA NOVA: Apareceste-me como um sonho. Desceste as ^{escadas} ~~escadas~~ da muralha e saltaste para o barco.

MARIA EMÍLIA: Apertei-te nos braços e chorei no teu peito. Foi

a noite mais feliz da minha vida!

LUA NOVA: E eu não te soube compreender e levei-te comigo para o beliche.

MARIA EMILIA: Se tu não me levasses, eu pedia-te. Para que ia eu ali, senão para te querer e dar-me também? Eu nada mais tinha para te dar... E a angústia daquelas horas sem fim em que julguei perder-te, venceu tudo. Tudo... E a noite ainda borrascosa, transformara-se quando de lá saímos. Havia estrelas no céu, o luar chegara... E tu depois com receio que me vissem. Pensavas em ti quando eu me esquecera... de mim própria.

LUA NOVA: ^{era} ~~Era~~ em ti que eu pensava. (Pausa) Como não querias que tivesse saudades da "Gaivota"? daquelas noites que ali passámos depois, em que me pedias para te ensinar o nome das estrelas.

MARIA EMILIA: Aquela é a do Norte. Olha as Três Marias!... E eu aprendi na tua boca o nome das estrelas.

LUA NOVA: Chegou, então, a pena desse encanto. A tua saída de casa, outros homens...

MARIA EMILIA: Tantos homens! Todos os homens do mundo me podiam ter.

LUA NOVA: Menos eu...

MARIA EMILIA: Deixaste de existir no dia em que o meu pai me expulsou de casa e nem a mão estendeste num gesto de amparo. Só o gesto me bastava, acredita. Percebi, então o egoísmo e a mesquinhez dos homens. Foi terrível!... Essa certeza foi terrível.

LUA NOVA: Não digas isso.

MARIA EMILIA: Não te envergonhes de o confessar. Já lá vão tantos anos!... Calculas quantos anos passaram? Perdi-lhes o conto. Confessa que tiveste receio de pagar pela lei o que não tem paga: a confiança em alguém. Julgáste-me mal. Eu que depois me vendi por todo o preço, a qualquer, não seria capaz de receber de ti outra coisa que não fosse amor. Mas tu fugiste. E essa fuga amortaleou-me para sempre. Depois já nada mais me importava. Afundei-me em

todo o mal. Fui noiva de ^{pedintes, de maltrizes...} ~~pedintes, de maltrizes...~~ De quantos homens do cais me tinham desejado e em que nunca reparara. Quando saías do barco, levei alguns para a "GAIVOTA"

LUA NOVA: Maria Emília!

MARIA EMÍLIA: Julgava assim vingar-me.

LUA NOVA: Não era, afinal, tão puro o teu amor.

MARIA EMÍLIA: No nosso coração há sempre mais do que um ~~sentimen-~~^{sonho}to. Lembra-te que tu eras o meu ~~desfeito~~.

LUA NOVA: O teu sonho?...

MARIA EMÍLIA: Sim. Parece-te estranho que possa falar em sonho... Tens razão. Também não percebo, por que te disse tudo isto agora.

LUA NOVA: Nunca é tarde.

MARIA EMÍLIA: Custa-me falar contigo do passado; Isso faz-me apeteecer-te ^{ainda} ~~ainda~~, e odiar-te. Talvez julgues que é um dos muitos sentimentos desta ^{mulher} ~~mulher~~ desvairada. Quantas vergonhas fiz por esse mundo! Corri todas as escalas da miséria; Nem uma faltou: as tabernas, as prisões, as hospedarias... ^{Precisava de me introduzir, de} ~~precisava de me introduzir, de~~ abafar a tua afronta. E depois de tudo isso, quando os outros ~~me~~ julgam um monstro de ^{perversidade} ~~perversidade~~ e de vício, sinto-me tão pura como na noite em que fui ter contigo ao barco. De todo o temporal que o meu corpo viveu, só ficou o arrais^s da "GAIVOTA". E esse não és tu...

(Passa um grupo. ruído de velas colhidas e exclamações ao longe.)

MARIA EMÍLIA (~~m~~brulha e costura e vai arrimá-la por detrás da porta. Avança uns passos e olha para fora): O meu Chico nunca mais chega. E Já é tarde...

LUA NOVA: Ainda estás com o Guiné?

MARIA EMÍLIA: Nunca mais nos podemos deixar. Ele é o último dos homens e eu a última das mulheres. Já não descendermos mais. Encontrámo-nos no fundo do poço e sabemos-nos compreender como ninguém. Vocês, os homens honestos, com casa certa, mulher e filhos, acham-~~nos~~ ^{nos} estranhos. E perguntarão, algumas vezes, para que teimamos em viver. Talvez para os culpar! Talvez como um aviso! Só sei que vivemos e ainda somos capazes de sentir, e até de vibrar. Ter ilusões como os outros... Esperanças. Até esperanças, calcula!...

LUA NOVA: Ainda podia~~s~~ ambicionar outro homem.

MARIA EMÍLIA: Conheço-os demasiado. Só o Chico me sabe compreender. Os ~~homens~~ ^{homens} perfeitos são muito complicados. falam em deveres, temem a *própria* ~~própria~~ sombra...

LUA NOVA: Longe daqui...

MARIA EMÍLIA: Já experi^mxentei e não posso. Tenho a atracção deste cais, destes barcos, do ambiente que aqui vivo e não consigo encontrar noutra parte. Tu sabes lá as ~~saudades~~ ^{saudades} que senti quando fui condenada para África! Transformei-me tanto que os oficiais da fortaleza me julgaram regenerada. Sofri...

LUA NOVA: Mas o Chico Guiné...

MARIA EMÍLIA: Compreendeu-me melhor que o arrais da "GAIVOTA". Esse, e depois todos os outros, só quiseram o meu corpo. Desejavam-me antes de me possuírem, e depois, eu bem o sentia, enfastiavam-se de mim, recsavem que os compromettesse. As mulheres como eu comprometem.

O Chico precisa da minha alma, dos meus carinhos... Não te parece absurdo? É foi ele quem ^{me}sarou a minha com as suas desgraças e os seus sacrifícios. Algumas vezes ainda sou capaz de o fazer homem. E isso satisfaz-me tanto, como se tivesse um filho que me chamasse para o proteger.

LUA NOVA: Mas outra vida...

MARIA EMÍLIA: Qual?... Se ~~quisse~~ ^{quisse} alguém para me dar outra vida, eu não iria. Passados os primeiros momentos, seria um impecilho, um remorso. Para o Guiné sou a esperança, o estímulo... o amor. Como se riria todo esse mundo se me ouvisse falar de amor. E, no entanto, é isso mesmo que existe entre nós. Se nos encontrássemos mais cedo, talvez nos tivéssemos salvado. (Pausa). E salvo para quê?... Para quê, sim?...

LUA NOVA: Estás transtornada, Maria Emília. O Guiné espanca-te...

MARIA EMÍLIA: É ainda uma maneira de me querer. São os ciúmes por vocês todos que vieram antes. Vê em cada sombra um homem que me quer levar. Eu sou a vida para ele. É quem não defende a vida quando lha querem tirar?

LUA NOVA: Como tu o desculpas...

MARIA EMÍLIA: Se ele é o único que me sabe desculpar!... Se ele é o único que precisa de mim ... Já reparaste que todos temos necessidade de alguém que dependa de nós? E não é um defeito, acredita. É um protesto do nosso coração contra os males do mundo. É o homem a procurar o caminho do bem. Na alma mais negra tu encontrarás um ponto de luz a querer brilhar. Só muitas vezes os ou

tros não deixam. Se todos os gestos se pudessem guardar... O que teria acontecido ao meu Chico?

LUA NOVA: Já comeste hoje? (Ante o seu silêncio:) Comeste alguma coisa?

MARIA EMÍLIA: Não me lembro.

LUA NOVA: Se não te parecesse mal...

MARIA EMÍLIA: Parece-me, sim. Agora só recebo dinheiro do Guiné. Para que me desses, eu teria de te oferecer alguma coisa. Nunca recebi esmolas. Nunca as receberei. E já nada te posso oferecer...

LUA NOVA: Pelo mal que te fiz...

MARIA EMÍLIA: Nunca me habituei a receber juro do que dou. É, talvez, um defeito. Mas nada me deves. Nem eu também. Pagámo-nos naquelas noites...

LUA NOVA: Sempre orgulhosa! É esse o teu grande mal... Teríamos remediado tudo...

MARIA EMÍLIA: Depois de abalares, nada mais havia a fazer. Esperar por ti?... Não voltarias nunca, como eu te queria. Nem eu te podia querer...

LUA NOVA: Orgulhosa!

MARIA EMÍLIA: Não queres reconhecer-me o direito de possuir alguma coisa? E o que é o orgulho numa mulher como eu?? Incomodo alguém? *Presumido alguém?*

LUA NOVA: A ti.

MARIA EMÍLIA: Não te preocupes comigo. Não mereço que me lamentem.

LUA NOVA: Remorsos...

MARIA EMÍLIA: Não os tenhas, porque tos não pãço. Só te suplico que não voltes a falar-me assim. Esqueci-me... Embriaguei-me com as recordações desse passado que não me pertence.

LUA NOVA: Precisava deste desabafo. Lembrei-me de ti durante a viagem. No Lombo do Tejo vi muitos lírios e recordei-me dos que te trazia. Era a tua flor preferida. Lembras-te?

MARIA EMÍLIA: Esse era o arrais da "GAIVOTA". E ainda gosto de lírios. É estranho que depois de tanto lodo em que me tenho debatido, ainda possa gostar de flores. Parece um ultraje, mas ainda gosto. O Guiné, sempre que pode, traz-me grandes braçadas. No fundo daquela escada falta tudo - menos flores e um feixe de luz ~~no~~^{no} coração dos dois. (Ouve-se fora uma voz avinhada que canta). Lá vem o Guiné. Vai-te embora, peço-te. Ele tem tantos ciúmes de ti. (Silêncio.) Calcula que ainda faço ciúmes. Como querias que eu o deixasse? A mulher é sempre feliz quando ~~provoca~~^{provoca} ciúmes. Mais ninguém os pode sentir por mim senão o Guiné. Por isso mesmo mais nenhum homem me serve.

LUA NOVA: Boa noite, Maria Emília.

MARIA EMÍLIA: Adeus. E nunca mais me fales assim.

HOMEM: Boa noite, Maria Emília.

MARIA EMÍLIA: Boa noite.

HOMEM: Se quisesses vir... Temos um barco p'ra passear no Tejo. O Luar não tarda, Maria Emília.

MARIA EMÍLIA: Não.

HOMEM : Dava-te um avental novo.

MARIA EMILIA : Não.

HOMEM: Já não gostas de aventais?

MARIA EMILIA: Não. Guarda-o para ti.

HOMEM: Ias jantar comigo... Faço anos e gostava duma companhia.

MARIA EMILIA: Deixa-me.

(Guiné entra, cantarolando)

MARIA EMILIA: Como tu vens, homem?

GUINÉ: Quem estava aqui?

MARIA EMILIA: Ninguém.

GUINÉ: Pareceu-me ... (arrebatado) Tenho a certeza! A certeza, sim, era um homem.

MARIA EMILIA: Não era, Chico. Os homens que passam não me pertencem já.

GUINÉ: Era um homem, sim. Tu estás a mentir-me ... Tu queres deixar-me? Mato-te, ouviste?

MARIA EMILIA: Sim, Chico. Tens ciúmes da noite?

GUINÉ: Tenho ciúmes de tudo. Não me deixes, Maria Emília. Perdoa-me. Sei lá o que é isto? Não sei, não. Nunca gostei doutra mulher como de ti. E tive lindas mulheres, sabes?

MARIA EMILIA: Sim, calculo. Remendei-te a camisa para amanhã. Vais parecer um príncipe.

GUINÉ: Nem ganhei um tostão.

MARIA EMILIA: Amanhã será melhor dia.

GUINÉ: Acreditas nisso?

MARIA EMILIA: Acredito sim ti.

GUINÉ: Toda a manhã no cais da fábrica à espera da fragata ... É de matar. Velas ao longe e a nossa nunca mais chegou.

MARIA EMILIA: Vem na maré da noite, com certeza. Dorme que eu fico à espera.

GUINÉ: Acordas-me?

MARIA EMILIA: Acordo-te.

GUINÉ: Compraremos pão, amanhã...

MARIA EMILIA: Sim, muito pão. Dorme, anda.

GUINÉ: Gostas de mim?

MARIA EMILIA: Gosto. Sossega agora que bem ~~precisas~~ ^{precisas}.

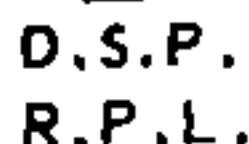
GUINÉ: Nunca me deixas, pois não?

MARIA EMILIA: Nem que tu me abandones.

(do cais chega um grito: Eh Maria Emilia)

MARIA EMILIA: A do Norte... Olha as três Marias ! ... Como a lua vem vermelha...

Ó meu amor, meu amor,
Grande ausência me fizeste ...



D.S.P.
R.P.L.

Título do programa *Miniteatro - Maria Quilica de R. Rodol*

Referência { N.º/R.P.L. *109*
N.º S.P.P. . . .

Episódio N.º

Datas { da gravação *12 de Fevereiro* de 1975 às *10.00* horas.
da 1.ª emissão *17 de Fevereiro* de 1975 Programa *1.º - 15, 30ª*

Director artístico *Jacinto Ramos*
Jacinto Ramos

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Emílio Menezes</i> <i>Artur Serrado</i> <i>Albino dos Santos</i> <i>Qui Luis</i> <i>Benjamin Falcão</i>	<i>Maria Consília</i> <i>Lua Nova</i> <i>Fantasma</i> <i>Chico Guiné</i> <i>Uma honra</i>	<i>Gregório de Matos</i> <i>António</i> <i>Alves</i> <i>Luiz</i> <i>Benjamin Falcão</i>

Gravação Manuel Tomaz e João Feliz
Lisboa, de de 196

Mod. 5 p 139